

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG
GILVANE SUTIL

A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO

CASCADEL

2021

GILVANE SUTIL

A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso: Artigo, do curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG.

Professor Orientador: José Vinicius Gouveia Torrentes.

CASCADEL

2021

CENTRO UNIVERSITÁRIO ASSIS GURGACZ - FAG

GILVANE SUTIL

A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO

Trabalho apresentado no Curso de Pedagogia, do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, sob a orientação do Professor Mestre José Vinicius Gouveia Torrentes.

BANCA EXAMINADORA

José Vinicius Gouveia Torrentes
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Mestre

Marilena Lemes Marques Salvati
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Silvana Rodrigues Krefta
Centro Universitário Assis Gurgacz – FAG
Especialista

Cascavel/PR, 15 de novembro de 2021.

A CONTRIBUIÇÃO DA FILOSOFIA PARA A EDUCAÇÃO

SUTIL, Gilvane¹
TORRENTES, José Vinicius Gouveia²

RESUMO

Este estudo busca trazer um olhar para a Filosofia como propulsora da educação, partindo de uma análise da realidade da mercantilização da vida, de uma sociedade utilitarista, do individualismo e da desvalorização do conhecimento e formação do indivíduo. Em tal temática se delineiam os conceitos da filosofia como ponto inicial e direcionamento do pensamento, das áreas do conhecimento, da vida e provoca a indagação, questionamentos, da formação do ser humano, como único ser dotado de racionalidade e que precisa ser educado. O objetivo da pesquisa é apontar a realidade da mercantilização da vida, do utilitarismo, do desvalor da formação com relação a formação de valores e princípios; explicitando um caminhar pela filosofia como fator de mudança e retorno dos olhares a base da educação e do educar. Trata de uma pesquisa bibliográfica de cunho filosófico e educacional, utilizando obras que corroboram para o processo educacional, e pensamentos que influenciaram e influenciam a educação até os dias de hoje, e ao apresentar a problemática da mercantilização da vida, fato da realidade do período pós-moderno, busca um retorno aos bons princípios da formação. Os resultados desta pesquisa, apontam uma tentativa de repensar a educação e assim pensar uma educação que traga uma mudança de cenário, embora a imoralidade inerente à existência humana, busca uma melhora da sociedade atual que se encontra ilhada em novos paradigmas.

PALAVRAS-CHAVE: Educação, Filosofia, Construção do Indivíduo.

THE CONTRIBUTION OF PHILOSOPHY TO EDUCATION

ABSTRACT

This study seeks to bring a look at Philosophy as a driver of education, starting from an analysis of the reality of the commodification of life, of a utilitarian society, individualism and the devaluation of knowledge and individual training. In this theme, the concepts of philosophy are outlined as a starting point and direction of thought, in the areas of knowledge, in life and provokes inquiry, questioning, the formation of the human being, as the only being endowed with rationality and who needs to be educated. The objective of the research is to point out the reality of the commodification of life, of utilitarianism, of the disvalue of education in relation to the formation of values and principles; explaining a walk through philosophy as a factor of change and return of views to the basis of education and educating. It is a bibliographical research of a philosophical and educational nature, using works that corroborate the educational process, and thoughts that have influenced and influence education to this day, and by presenting the issue of the commodification of life, a fact of the reality of the post period. - modern, seeks a return to good training principles. The results of this research point to an attempt to rethink education and thus think of an education that brings a change of scenery, despite the immorality inherent to human existence, it seeks to improve the current society that is isolated in new paradigms.

KEYWORDS: Education, Philosophy, Individual Construction.

¹Acadêmico do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: gilvanesutil94@gmail.com.

²Professor Orientador do Curso de Pedagogia do Centro Universitário Assis Gurgacz - FAG. E-mail: jtorrentes@bol.com.br.

1 INTRODUÇÃO

A educação filosófica se apresenta dentro do processo histórico como fator de grande relevância, pois é extremamente importante conhecer os métodos de ensino, bem como a sua própria origem e percurso histórico, tendo como cenário a sociedade atual que passa pela mercantilização da vida, no qual a educação encontra uma delicada questão de se redescobrir, formadora de pessoas e não mera ferramenta de produção de mão de obra para o mercado de trabalho. Sendo assim, se faz necessário pensar o processo histórico filosófico da educação brasileira e a contribuição da Filosofia para o ensino de forma geral, tal como se mostra importante apresentar os cenários sociopolíticos, da movimentação da educação no Brasil sob o olhar da educação democrática.

A construção da educação no Brasil representa um relevante memorial histórico e significativo dos avanços e recuos da sociedade, assim como a movimentação do ensino e aprendizagem na formação do homem pensante e responsável pelas suas ações, com a modernidade e a tecnologia crescente. Vive-se nos dias de hoje uma forte corrente de mercantilização da vida, quer dizer, um meio no qual todas as coisas são fáceis, aonde tudo pode ser comprado, e a formação no que concerne toda a educação brasileira se torna fonte produtora do mecanicismo, de produção em massa sob o olhar do capitalismo desenfreado. Conforme Rabusk (1981), negar a importância da filosofia da educação na atualidade é negar a si mesmo enquanto educação, pois é através da Filosofia que a educação constrói o seu papel e seu caráter de uma pedagogia transformadora.

O estudo que se apresenta, busca de forma geral analisar a contribuição da filosofia da educação mediada pela história, como também as ideias de Immanuel Kant para a educação e ainda, os aspectos da historiografia da educação brasileira. Procura observar como a pedagogia contemporânea se utiliza de uma filosofia utilitarista, tenciona por fim, fazer uma abordagem dos fundamentos filosóficos de uma educação emancipadora, na tentativa de um ambiente escolar que se baseie no diálogo, na reflexão e provocação do pensamento. Trata-se de uma abordagem metodológica deste estudo, e um debate bibliográfico sobre o tema, aproximando-se de uma dialética dos conhecimentos que se originaram a partir dos fichamentos e leituras feitas, dos autores que tomam como objeto de estudo a área da filosofia da educação e suas contribuições para a educação na formação dos sujeitos.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O QUE VEM A SER A FILOSOFIA

A Filosofia procura entender a realidade não fragmentada e sim em sua totalidade, sua visão é do entendimento do problema por completo, observando aspectos como o contexto ao qual está inserido (CUNHA, 1992, p. 83).

Ainda segundo o autor, a Filosofia não traz critérios da realidade, mas critérios de valor; em outros termos a Filosofia busca ir além do que se é essencial de ser, pensar sobre o valor das ações, investigar o significado de filosofia, aparece quando o pensar vira objeto de estudo do próprio pensar. Pode-se assim conceituar a Filosofia como um pensar nos problemas da realidade.

A filosofia não é, de modo algum, uma simples abstração independente da vida. Ao contrário, ela é a própria manifestação humana e sua mais alta expressão [...]. A filosofia traduz o sentir, o pensar, e o agir do homem. Evidentemente o homem não se alimenta da filosofia, mas sem dúvida nenhuma com a ajuda da filosofia (BRANGATTI, 1993. p.100).

Neste contexto, essa linha de estudo pode ser qualificada de três maneiras: pelos conteúdos e temas trabalhados, por sua influência na cultura e pela maneira que exercita tais temas. A filosofia trata de assuntos como o bom, o bem, o belo, do exercício da justiça, da verdade. Verifica-se que a filosofia em seu início buscava outros questionamentos; de início ela tratava de todos os conhecimentos, foi a partir do século XIX que a filosofia passou para um novo modelo de estudo dos temas que se preocupavam, e trouxe um novo modelo de visão de mundo que se tinha até agora (ARANHA, 1996, p 93).

Durante toda a história da filosofia buscava-se respostas à indagação da sua época em questão, sendo respondidas de percepções diferentes construindo escolas e correntes de pensamentos.

Uma das melhores definições de filosofia foi dada por Platão (427-347 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.), eles viam a filosofia com um pensar surpreso espantado do mundo e das coisas; nesta linha tradicional vemos o banal deixando de ser banal e dessa forma tudo aquilo que se conhece torna-se suspeito, mostra uma saída do costume e começa a não ficar acostumado com as coisas. Desse modo, a filosofia na perspectiva do banal, é sinônimo de desbanalização, ou seja, tudo o que estávamos acostumados e que é corriqueiro, deixa de ser corriqueiro para ser objeto de indagação.

Quando se fala em definir filosofia, todas as definições apresentadas são consideradas controversas, devido às alterações ocorridas no processo histórico da filosofia, e de estudos excluídos. Uma das ideias com caráter mais abrangente é de que a filosofia consiste no racional, no crítico, na sistematização com relação às coisas do mundo, em geral no campo da metafísica, da epistemologia, das justificativas, das crenças, da ética ou valores na direção da conduta de vida. Cada pessoa possui uma forma de visão sobre tudo o que a rodeia, e sobre aonde me localizo nesse lugar ou espaço, é nessa perspectiva que a metafísica questiona acerca das crenças que se encontram já organizadas (ARANHA, 1996).

Os princípios já postos são sistematizados pela filosofia moral ou ética. “Ocasionalmente, duvidamos e questionamos crenças, não só às nossas como também às alheias, e fazer com mais ou menos sucesso sem possuírmos uma teoria acerca do que fazemos” (CHAUÍ, 1985, p.14).

Os pré-socráticos, também conhecidos como filósofos da natureza e metafísicos buscavam a essência da natureza. Platão e Aristóteles dedicaram seus estudos sobre a metafísica e a ética; Platão ressalta sua reflexão acerca do conhecimento, enquanto Aristóteles preocupa-se com a lógica dedutiva. A filosofia da Idade Média toma um caráter no sentido de justificar a religião, embasada primeiramente na filosofia de Platão e em seguida na filosofia de Aristóteles. No período da renascença, uma volta à epistemologia, é direcionada a adequar a religião ao desenvolvimento da ciência (CUNHA, 1992).

A vida diária possui vários aspectos tanto de visão de mundo como de aspectos próprios da filosofia, e que em uma primeira visão parece distanciar-se, no entanto deveriam ser integrados, por justamente tratar dos mesmos aspectos da vida e do dia a dia; nessa perspectiva, a filosofia merece uma maior valorização não por seus resultados próprios, mas por si mesma e pela busca da verdade desinteressada.

A interrogação faz parte da vida do homem e o faz continuamente, o modo de interrogar muda de pessoa para pessoa, porém o que permanece, é o ato de interrogar, a resposta à interrogação ocorre dentro de um período histórico (HUSSERL, 1965). Para Aristóteles (384-322 a.C.), “todos os homens desejam naturalmente saber. Muitos, contudo, se perdem nesta tentativa de ao longo da vida, talvez por desconhecerem um caminho”. É necessário compreender e conceituar a filosofia, e buscar seu significado para a vida do homem.

Como qualquer outra ciência, a filosofia teórica não garante o sucesso na prática. A filosofia dá sentido e direciona a vida e ações do homem, ao passo em que nos adequamos à filosofia, passamos a ver o mundo de outra maneira, com um novo olhar; e assim, passa-se a

um novo momento, o ato de filosofar, que não se dá no processo individual, mas sim do processo do individual com o coletivo.

O ato de agir, se expande desde os atos de interesses próprios a interesses gerais; como o bem comum. A vida só tem sentido se calcada em provento de valores dignos e dignificantes. Cada pessoa possui uma filosofia de vida, sua forma de compreender o mundo a sua volta, somos direcionados a valores inconscientes e conscientes, implícito ou explícito. “Quando falamos em filosofia de vida, queremos dizer que esse direcionamento diário e inconsciente, pode ocorrer da manifestação do senso comum que adquirimos espontaneamente” (HUSSERL, 1965).

Pensar é uma particularidade do homem, tornando-o diferente dos outros seres vivos, compreende-se que a vida humana é impossível de ser consciente de si mesma fora da reflexão filosófica, a filosofia entra no processo de conscientização dos aspectos de sua totalidade.

É impossível que haja um padrão de ser homem como um roteiro pronto a ser seguido; têm-se de concreto as relações humanas, pelas quais o homem faz trocas de experiências e na qual ele encontra seu papel como homem. Não há como identificar uma natureza humana fixa e que não sofra mudanças, nem como distinguir os homens por características, tais como raça, cor ou religião (HUSSERL, 1965, p.10).

Existe ainda uma característica, que faz parte de sua busca em manter-se vivo na história; a questão da sobrevivência, é vivida por todos os seres vivos e o homem como ser vivo que é, encontra-se nessa luta pela sobrevivência, transformando a natureza em sua volta, e criando meios para responder os desafios da natureza e para manter sua sobrevivência.

O homem encontra-se no mundo e se depara com o novo, logo se vê e entra em uma questão do que se é ou do sujeito que se quer conhecer e o objeto a ser conhecido. A transformação do sujeito acontece no momento em que se depara com o conhecimento novo, e ele possibilita novo sentido (COTRIM, 1993, p. 66).

Do mesmo modo, o homem encontra-se no mundo não como um simples componente da realidade, mas alguém capaz de mudar a realidade tornando-se um agente transformador de sua realidade, assim ele entra em contato com outros homens que estão na mesma função.

A partir do contato que o homem tem entre si, das trocas de experiências e conhecimentos adquiridos, vai se construindo a história, construindo o que chamamos de processo histórico (HUSSERL, 1965, p.12).

Na variante das vontades do homem, cria-se uma filosofia na qual nos acomodamos, sendo tanto positivas quanto negativas, na busca quase que incessante de responder às indagações; ao passo que a ciência e tecnologia avançam e mudam a realidade, é inevitável que

o homem também sofra mudanças advindas de tal evolução e na maioria das vezes, mudanças negativas às quais contribui para que a pessoa fique a parte da realidade e da vida, sem aspiração, sem motivações, vivendo de forma superficial, deixando de lado a necessidade de um pensar mais profundo às indagações e inquietações da presente realidade. É nesse ponto, aonde a filosofia se mostra tão necessária, pois traz consigo uma reflexão racional e direcionada, dando suporte e sentido na busca das verdades de sua própria existência, é dessa maneira que a filosofia transforma o homem.

A filosofia influencia em praticamente todas as áreas de interesse do homem, mesmo que ele não reconheça sua presença; ela se encontra enraizada no meio cultural, nas literaturas, na tradição oral e na religião, com ênfase nesta última, e como exemplo disso temos a religião cristã, a qual se mantém poderosa mesmo depois de tanto tempo.

No campo da política, mostra-se ainda mais expressiva, podendo direcionar a política tanto positivamente quanto negativamente; quando a política é direcionada por uma má filosofia os resultados não são positivos; diferente de uma política direcionada por uma boa filosofia na qual os resultados se mostram positivos e refletem na vida de todos e facilmente pode ser percebida (HUSSERL, 1965).

2.2 FILOSOFIA NA EDUCAÇÃO: CONCEPÇÕES

Ao pensar a filosofia atrelada à educação, dentro de um processo histórico, pode ser feita por vários vieses, mas de acordo o tema em questão, o mais adequado seria uma abordagem das concepções filosóficas educacionais da filosofia educação. Antes de mais nada, ao travejar uma linha de pensamento como esta, deve-se apontar o que vem a ser “filosofia da educação”. Com relação a essa temática, Saviani (1989), nos apresenta que há duas formas de compreendê-la: a filosofia da educação como processo, e a filosofia da educação como produto; dentro da primeira concepção encontra-se a filosofia como processo, com um modelo de pensamento radical, com rigor e de conjunto; já com relação a filosofia como produto, o autor prefere por apresentá-la como ideologia, e assim ela é compreendida como uma orientadora da ação, dessa maneira, as duas concepções estão interligadas e do resultado dessa associação culmina para a educação.

Faz-se necessário apresentar as concepções de filosofia da educação, no processo histórico concreto, tendo por intuito atrelar com as movimentações educacionais, bem como a educação se apresenta em determinados períodos ao que vivenciado na atualidade.

Segundo Mendes (1994), pode-se apresentar quatro grandes concepções de filosofia da educação; sendo elas, a concepção humanista tradicional, humanista moderna, analítica e dialética; da humanista tradicional:

A concepção humanista tradicional está marcada pela visão de essencialista de homem. O homem é encarado como constituído por uma essência imutável, cabendo à educação conformar-se à essência humana. As mudanças são, pois, consideradas acidentais. Cumpre distinguir, no interior da corrente “humanista” tradicional, duas vertentes. De um lado, a vertente religiosa que afunda raízes na Idade Média e cuja manifestação mais característica consubstancia-se nas correntes do tomismo e do neotomismo. De outro lado, vertente leiga, centrada na ideia de “natureza humana” e elaborada pelos pensadores modernos já como expressão de ascensão da burguesia e instrumento de consolidação de sua hegemonia. É a vertente que inspirou a construção dos “sistemas públicos de ensino”, com as características de laicidade, obrigatoriedade e gratuidade (MENDES 1994, p 24-25).

Nessa concepção, fica clara a ideia da imutabilidade do homem, sua essência que não muda, expressando ideias antigas da Idade Média, apontando claramente pressupostos religiosos na construção do pensamento filosófico. E assim, como em todo o histórico ideário de pensamento, há correntes divergentes, que conseguem ver o homem e suas questões como mutáveis partindo da concepção da natureza humana que se transforma à medida que vai evoluindo.

Sobre a concepção humanista moderna, Mendes destaca que:

Abrange correntes, tais como o Pragmatismo, Vitalismo, Historicismo, Existencialismo, Fenomenologia. Diferentemente da concepção tradicional, esboça-se uma visão de homem centrada na existência, na vida, na atividade. Não se trata mais de se encarar a existência como mera atualização das potências contidas *a priori*³ e definitivamente na essência. Ao contrário; aqui existência precede a essência. Já não há uma natureza humana ou, dito de outra forma, a natureza humana é mutável, determinada pela existência (MENDES, 1994, p 25).

Na menção do autor, fica evidente a distinção entre concepção humanista tradicional e moderna, aqui a compreensão do homem ocorre pela existência, afirmado pela corrente filosófica do existencialismo, e nele todas as concepções se dão pelo real, pela vivência real do agora.

Ainda segundo Mendes (1994), a filosofia da educação pela linha analítica, não tem intensão de apontar a concepção de homem, nem de denotar um sistema filosófico; aqui preocupa-se com as questões analíticas e da lógica da educação, no que se refere a linguagem

³ A priori, se refere a um pressuposto ou princípio sem comprovação científica.

da educação. Uma análise da lógica informal pela linguagem escolar se trata de uma linguagem comum.

Sobre a Filosofia da Educação pelo viés da dialética, Mendes destaca que:

Interessa-lhe o homem concreto, isto é, o homem como “síntese de múltiplas determinações”, vale dizer, o homem como conjunto das relações sociais. Considera que a tarefa da Filosofia da Educação é suscitar os problemas educacionais. Entende, contudo, que os problemas educacionais não podem ser compreendidos senão por referência ao contexto (histórico) em que estão inseridos (MENDES, 1994, p. 27).

Como o próprio termo dialética, as ideias dessa concepção, principalmente em consideração as relações sociais, e com tudo em que nela se encontra, levando em consideração o período histórico que o homem se situa, e como a sociedade não estaciona no tempo, se pode dizer que constantemente o homem vive a dialética presente em todos os aspectos da sociedade.

As concepções e ideários educacionais vão acompanhando os eventos sociais, de forma concreta por volta do século XIX, surge, um ideário de escola como redentora da humanidade, que de acordo com Mendes (1994, p.28), teria como objetivo: “a escola que nascera com a missão de “redimir os homens de seu duplo pecado histórico: a ignorância, miséria moral e a opressão, miséria política. Revelou-se incapaz de levar a bom termo aquele objetivo”. Dessa maneira, esse modelo de escola se parece com o modelo humanista tradicional.

Como apresenta o autor, ao passo em que o modelo de escola como redentora da humanidade não dá certo, surge o modelo de escola nova, e esta está ligada aos conceitos da concepção humanista moderna, esse modelo de educação prevê uma supervalorização da educação informal e não escolar, levando quase ao fim da escola formal. A concepção analítica, se apresenta sob o ímpeto da neutralidade, e a luz do neopositivismo, período marcado pelas conquistas tecnológicas. Da concepção dialética se expressa todas as correntes de pensamento, pois em todas existe variantes do pensamento.

O processo educacional da educação brasileira no tocante a perspectiva da filosofia, perpassa muitos períodos e concepções, das quais se pode destacar que até o ano de 1930, teria a dominância da concepção humanista tradicional, aonde se pode perceber um avanço e interesse pela educação, pela escola redentora dos homens; também se pode destacar nesse período, o aparecimento da corrente de pensamento chamado escolanovismo⁴. Na sequência, após 1930, a corrente de pensamento humanista moderna se tornou uma adversária da corrente

⁴ Por meio dessa corrente se pode pensar uma construção social democrática, e respeita a pluralidade presente nas relações sociais.

humanista tradicional e ela ganha mais força no período do Estado Novo, pela abertura da democracia.

A partir dos eventos e reviravoltas da década de 1930 até os anos de 1977, é perceptível os preceitos da tendência tecnicista, baseada em princípios, do “enfoque sistêmico, operacionalização de objetivos, tecnologias de ensino, educação via satélite, tele ensino, microensino” (MENDES, 1994, p.38). É neste ponto, que a presente pesquisa destaca um dos itens primordiais da mercantilização da vida, pois cada vez mais na atualidade, é possível identificar uma educação centrada em princípios tecnicistas, fazendo um retrocesso, superiorizando o conhecimento técnico, prático, da indústria, da produção de lucros, da supervalorização do ter e poder comprar, da educação colocada como meio para o poder inescrupuloso, e cresce a desvalorização da vida, do ser, da pessoa, de princípios morais.

2.3 DE UMA PEDAGOGIA UTILITARISTA À MERCANTILIZAÇÃO DA VIDA

O termo utilitarismo é um dos temas de discussões de grandes autores como, John Stuart Mill e Jeremy Bentham, ambos liberais, tais pensadores acreditam que não se deve basear suas ideias sobre ética, sobre a liberdade em direitos naturais, devendo basear suas noções sobre ética, liberdade e política na utilidade, e nesse sentido pode-se pensar aquilo que traz felicidade a um maior número de pessoas, logo, são chamados de utilitaristas do século XIX.

Há algumas formas de utilitarismo, como apresenta Galvão (2005), há a existência de no mínimo quatro tipos de utilitarismo, sendo eles, do bem-estar, com seus níveis total ou parcial, do objetivo e do subjetivo,

Bentham (1979), pensa o utilitarismo como uma visão quantitativa da felicidade, é bom aquilo que garante felicidade à um maior número de pessoas, e ruim aquilo que garante maior infelicidade a um grande número de pessoas. Já Mill (2005), se aprofunda um pouco mais nas questões de bom e ruim, para ele não depende somente da quantidade de pessoas alcançadas, mas pensa a felicidade de um ponto de vista qualitativo.

De acordo com Picoli (2010), sobre o propósito do utilitarismo ele aponta que se direciona para os aspectos práticos da vida, no qual o conhecimento que deve ser tomado como modelo a ser seguido, seja comprovado por meio de observação e experimentação. Dessa forma, ainda segundo o autor, surge a teoria do valor, sobre isso versa as questões de associação do valor com o comportamento individual de cada pessoa ao comportamento e interesses políticos, e esse compreende aos interesses da maioria, ou o bem da maioria, ainda aponta que esse último

deve possuir maior prioridade, tornando o interesse do indivíduo direcionado de acordo com o interesse do coletivo.

Ao realizar uma breve análise do utilitarismo, deve-se fazer dois recortes dentro desse vasto assunto; destaca-se nas linhas seguintes, os pensamentos do utilitarismo Benthamiano e Milleano.

Uma das principais obras de Jeremy Bentham, é o livro: “Uma Introdução aos Princípios da Moral e da Legislação 1974”; nessa obra, o autor apresenta em uma de suas primeiras páginas algumas considerações sobre quais peculiaridades um juiz deve levar em conta em um julgamento, eles são as relações que existem entre as circunstâncias e os objetos. Tal livro ficou conhecido comumente como o princípio da felicidade, no entanto não há uma clareza na junção dos termos ‘utilidade e prazer’, ao que diz o filósofo:

Por princípio de utilidade entende-se aquele que princípio que aprova ou desaprova qualquer ação, segundo a tendência que tem a aumentar ou a diminuir a felicidade da pessoa cujo interesse está em jogo, ou, o que é a mesma coisa em outros termos, segundo a tendência a promover ou a comprometer a referida felicidade. Digo qualquer ação, com que tenciono dizer que isto vale não somente para qualquer ação de um indivíduo particular, mas também de qualquer ato ou medida de governo. (BENTHAM, 1974, p. 10).

Corroborando a ideia, Picoli (2010) apresenta que a ação seja de cunho prático, de caráter normativo ou impositivo, se tornam certas quando alcançarem o ápice da felicidade. Ainda segundo o autor, a comunidade se resume em um conjunto de interesses e nesse conjunto há uma relação de interesses dos membros dentro desse corpo constituído por vários indivíduos.

Bentham (1974) traz ainda dois outros conceitos, sendo eles da dor e do prazer, algo natural do homem e todos estão submissos a eles, e sem perceber exercem poder sobre as ações dos indivíduos, e deles, ainda resultam as noções de certo ou errado atrelados a uma cadeia de causas e efeitos, como afirma o autor:

O princípio da utilidade reconhece esta sujeição e a coloca como fundamento desse sistema, cujo objetivo consiste em construir o edifício da felicidade através da razão e das leis. Os sistemas que tentam questionar estes princípios são meras palavras e não a uma atitude razoável, capricho e não razão, obscuridade e não luz (BENTHAM, 1974, p.9)

Araújo (2006, p. 270), faz três apontamentos, com relação ao pensamento de Bentham, a primeira das observações é o fato de haver uma relação entre o controle dos prazeres e das dores, a dor como fator primário das relações de utilidade e a comunidade formada por vários, dando forma a um grupo único; assim, ele apresenta “cada uma das três proposições marca um

estudado distanciamento de uma longa e tradição do pensamento moral que remonta a antiguidade clássica”.

Há várias críticas às ideias de Bentham, análises rasas, ao comparar as ideias com o que Hume entende como moralidade, é possível verificar algumas discrepâncias:

Quando um homem, em qualquer ocasião, delibera sobre a sua própria conduta [...] ele deve levar em consideração as distintas relações, juntamente com todas as circunstâncias e situações particulares das pessoas envolvidas, a fim de determinar qual é o mais elevado dever ou obrigação [...] No caso das deliberações morais, entretanto, devemos estar familiarizados de antemão com todos os seus objetos e com todas as relações que eles mantêm uns com os outros, e determinar, a partir de uma consideração do todo, nossa escolha ou aprovação. Se alguma circunstância e relevante for ainda desconhecida ou duvidosa, temos que mobilizar antes nossas faculdades intelectuais e investigativas para certificarmos dela, e devemos suspender por um certo período toda decisão ou sentimentos morais. [...] Mas, logo que se conheça todas as circunstâncias e relações, o entendimento não tem mais espaço para atuar, nem qualquer tópico sobre o qual pudesse aplicar-se. A aprovação ou censura que então resulta não pode ser obra do entendimento, mas, do coração, e não constitui uma proposição ou afirmação especulativa, mas um ativo sentimento ou sensação. [...]. Nas decisões morais, todas as circunstâncias e relações devem ser conhecidas, e a mente, baseando-se na contemplação do todo, sente uma nova impressão de afeto ou desagrado, estima ou repúdio, aprovação ou recriminação (HUME, 1995, p. 179-180).

De acordo com a citação acima, pode-se verificar que razão, nessa perspectiva, vem em segundo lugar, e além disso acrescenta o método da “teoria moral de deliberação moral”, é nesse sentido que Bentham usa essa teoria para fundamentar sua opinião sobre a relação que há entre o objeto e as ações que norteiam as ações e decisões do juiz, no que concerne às penalidades ou do direito penal.

O utilitarismo de John Stuart Mill, uma de suas obras mais conhecida, ‘Da Liberdade’ (1859), nela o objeto de estudo se desdobra sobre a moralidade, ao ter acesso aos estudos da moral de Bentham, ele escreve sobre as questões da utilidade e da felicidade.

Segundo Mill (2008), as ideias de Bentham foram um norte para sua própria vida, um sentido, um ponto inicial na construção de suas próprias ideias e métodos em busca da felicidade. Diferente de seu inspirador, Mill, percebe que a felicidade, ou até mesmo a medida dela, como sendo algo a mais do que simplesmente a quantidade alcançada, pois para ele se deve levar em conta a qualidade da felicidade empregada.

No utilitarismo de ato, o cálculo sobre o maior saldo de felicidade sobre a infelicidade é feito na base do que resultará da realização de um ato dado. No utilitarismo de regra, o cálculo é feito na base do que advirá da observância ou não de uma regra (TRINDADE, 2004, p.95).

Ainda, segundo o autor, Mill diferencia dois termos importantes, sendo eles o utilitarismo de ato e o de regra de caráter normativo; ao que se apresenta ser tais termos; do Ato, vem a ser as ações desencadeadas por um agente⁵ motivado por fator moral intencional ou por simples ação. Existe dois termos usados por Mill, que não podem ser confundidos, são eles: a vontade, ou estado de vontade, ou estado de motivação, ele julga que a vontade surge a partir dos desejos que direciona as ações, e esta por sua vez está submissa as nossas práticas do dia a dia.

A educação, para Mill (2008), é a melhor saída para a transformação do homem como ser social, pelo fato da sociabilidade o homem constrói o seu senso de dever, e esse por sua vez é formado a partir de dois princípios, externo e interno, por influência externa se pode compreender aquela exercida pelas pessoas do grupo social, e nessa influência o que reflete no indivíduo é o medo da rejeição; pelo viés interno pode-se compreender o real sentimento de obrigação, e nesse caso, não parte de uma imposição da sociedade, mas o indivíduo percebe por si mesmo a sua responsabilidade para com toda a comunidade, ou da maioria. Tais vias devem fundamentar a formação do homem, fazendo uma promoção do prazer e afastando a dor. Para o autor, somente com a luz da imparcialidade do utilitarismo é que ocorrerá mais felicidade. É evidente a relação que há entre o social e o individual, e nessa perspectiva, o indivíduo ressalta o interesse do coletivo em detrimento da sua própria vontade.

De modo geral, pode-se compreender que os ideais de Mill (2005) com relação a felicidade, leva em consideração as normativas ou regras, no entanto para não se prender à regras, deve-se levar em conta as circunstâncias, pois considerar moralmente certa ou errada determinada ação, não depende somente da regra imposta a ela, porém depende da situação que ocorre; e a norma que mais se deve sobressair sobre as demais é o bem máximo para um maior número de pessoas.

[...] quando começa a deduzir deste preceito cada um dos deveres efetivos da moralidade, fracassa, de uma maneira quase grotesca, na tentativa de mostrar que haveria uma contradição, uma impossibilidade lógica (para não dizer física) na adoção, por todos os seres racionais, das regras de conduta mais escandalosamente imorais. Tudo o que mostra é que as consequências da sua adoção universal seriam tais que ninguém escolheria sujeitar-se a elas (MILL, 2005, p. 44).

⁵ Agente nesse sentido vem a ser cada pessoa ao realizar toda e qualquer ação motivada por fatores internos ou externos.

Neste contexto, deve-se fazer uma ligação entre o que Kant traz como ética deontológica⁶ da universalização da máxima das nossas ações; quer dizer, a ação deveria seguir um resultado prático, ou nos termos do autor, uma razão prática.

Ainda dentro do pensamento de Mill (2005) há uma preocupação com relação a concepção de homem empirista, segundo essa visão, o homem é direcionado em suas ações com base nos seus desejos e suas sensações; isto é, se levar em consideração apenas os sentidos e sensações surgem duas questões importantes a serem avaliadas, os desejos de cada um deve ser respeitado, o homem é capaz de ter sentimentos bons e ruins; outro ponto, é com relação a dignidade do homem, quando levado em conta a realização unicamente dos seus desejos é equiparado a um animal, e neste último está a maior preocupação.

É melhor ser um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito; é melhor ser Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito. E se o tolo ou o porco têm uma opinião diferente é porque só conhecem o seu próprio lado da questão. A outra parte da comparação conhece ambos os lados (MILL, 2005, p. 51).

As relações sociais na qual o individual perpassa o meio social e o contato com outros indivíduos dá origem à sociabilidade; nesse ponto os ideais de Bentham e Mill, se coincidem. No entanto, Trindade (2004), apresenta algo a mais sobre essas relações, segundo o autor deve-se levar em conta a questão social, com relação a desigualdade entre os indivíduos que são divididos em classes, e o capital fica retido em um determinado grupo de pessoas, podendo usar o contexto histórico de Mill, um cenário de Pós - Revolução Industrial, aonde há exploração de muitas pessoas das classes baixas.

O autor ainda acrescenta que:

A distribuição de tais bens não se estende além dos limites impostos pela estrutura socioeconômica da sociedade capitalista (organização do Estado, correlação de classes, etc.). Nas sociedades em que há exploração do homem pelo homem – e a sociedade capitalista enquadra-se neste tipo de sociedade – a felicidade do maior número possível de homens não pode ser separada da infelicidade que torna possível. (TRINDADE, 2004, p. 104).

Para além da ideia de concentração de poder de capital de um grupo sobre outro, Trindade (2004) apresenta que isso já ocorria dentro da história das sociedades desde a Grécia Antiga, em que alguns grupos menores, que detinham o setor privado e o meio de produção existiam por viver da exploração de outros e dessa forma esse modelo se mantém nos dias de

⁶ Deontologia se refere a filosofia moral contemporânea, e que por base se refere a uma ciência do dever e da obrigação.

hoje e permeia a democracia. Como se pode observar e como já apresentado no tópico anterior, é explícito uma perda dos valores, da percepção da pessoa em si, tudo se torna líquido e de certa forma banalizado.

2.4 KANT E GALVÃO

Kant (1996), um dos grandes filósofos que pensa a educabilidade e que dá suporte a novos estudos na atualidade, faz uma separação do homem que o diferencia dos animais e destaca que o homem é a única criatura que precisa ser educada segundo o livro “Sobre a pedagogia”, ele trata a educação como meio essencial pelo qual o homem deixa sua animalidade para um ser moral, e para tanto, é necessário que esse mesmo homem passe pela disciplina e pela instrução e essas duas seriam princípios da moralidade.

O homem é a única criatura que precisa ser educada. Por educação entende-se o cuidado de sua infância (a conservação, o trato), a disciplina e a instrução com formação. Consequentemente, o homem é infante, educando e discípulo (KANT, 1996, p.11).

Para o processo da educação, deve-se compreender que ele ocorre de acordo com o pensamento de Kant, por meio da disciplina e da instrução com formação; dessa forma, afirma o autor, o homem deixa seu estado da animalidade para o humano, em outras palavras o que os torna humano é a educação, a formação e a disciplina.

A disciplina pode ser compreendida como “conjunto de regras éticas para atingir um objetivo” (TIBAS, 1998, p. 113), ela também pode ser compreendida como “algo a ser adquirido e transformado em autonomia” (VASCONCELOS, 1996, p. 232); os dois conceitos de disciplina vão de encontro com o que Kant propõe sobre a busca da liberdade e da moralidade e de forma unívoca são conceitos de grande relevância para a formação do indivíduo.

Segundo Kant (1996, p.13), a disciplina é essencial para a educação, por meio dela o homem não se desvia do seu caminho, ela submete o homem “às leis da humanidade e começa a fazê-lo sentir a força das próprias leis”. Se o homem não passar pela disciplina ele pode crescer com a ideia de que não há limites e faz tudo do seu jeito, no meio educacional, fica bem claro quando as crianças chegam à escola e se demostram indisciplinados, desrespeitosos para com os demais do seu convívio, pode-se dizer então, que tal criança ainda não passou pelo processo

da disciplina, da imposição das regras, e a escola nesse sentido, se apresenta como disciplinadora, no sentido positivo da palavra⁷.

A criança deve aprender desde cedo a lidar com os não, Kant (1996), fala da educação doméstica, em outras palavras da educação que acontece em casa, e essa vem antes da educação escolar; tal educação não deve ser sobre muita proteção, pois caso haja superproteção, e as crianças devem aprender sozinhas. Os limites devem ser estabelecidos para evitar que a criança desenvolva hábitos que futuramente serão difíceis de tirar. É na escola que a criança começa a sentir a disciplina de maneira acentuada, e nela além da disciplina vem a formação, ou ao que o autor apresenta instrução com formação.

A instrução apontada por Kant (1996) se refere à cultura, ele define que na escola o aluno passa pela cultura escolar, na qual a criança fica subordinada a uma regra, sobre uma obrigação; ela passa ainda pela cultura livre, em que desenvolve informalmente, e que se dá no convívio, nos momentos informais do cotidiano da escola, no contato com as pessoas, costumes diferentes, valores diferentes, respeito com o diferente, nesse sentido é válido ressaltar o valor imensurável do contato, das relações desenvolvidas no meio escolar, isso cria nos alunos certos valores que levarão para a vida, e assim pode-se dizer que a verdadeira formação acontece.

A escola, é o primeiro lugar em que cada indivíduo começa a traçar seus passos na construção da sua moral e do seu caráter. A disciplina tem papel fundamental na vida do indivíduo e que demonstra o resultado positivo ou negativo no meio social; sendo positivo quando possui uma boa formação moral, e negativo, quando há essa má formação da moral, e nesse caso, o indivíduo presta um desserviço à comunidade, e não segue as regras e tão pouco com seus deveres, embasando a ideia da educação como fator essencial e com ela, Kant ressalta:

- Ser disciplinado: impede-se a animalidade, dominando a selvageria.
- Torna-se culto: adquire-se instrução e vários conhecimentos. Cria-se habilidades que serão utilizadas para alcançar o seu fim.
- Torna-se pudente: ajuda o homem a viver em sociedade, utilizando suas habilidades de forma consciente. É tornar-se civilizado.
- Tornar-se moral: o homem aprende a escolher apenas bons fins, os quais são aprovados por todos (KANT, 1996, 25-27).

A busca da moral, conforme Kant (1996, p.80) está baseada no pressuposto de se ensinar na escola a agir, mas não somente a agir por agir ou por um ato de colocar em prática própria disciplina, é necessário que o professor ensine máximas: “É necessário que a criança aprenda a agir segundo certas máximas, e não segundo certos motivos cuja equidades ela própria

⁷ Nos dias em que vivemos, a palavra disciplina pode tomar conotação errada e ser vista como negativa, porém como aqui empregada, possui caráter positivo, controla a indisciplina dos alunos.

distingue”. A construção dessa moral na escola deve ocorrer por meio do professor, apontando o certo e o errado, bom e ruim, para que o aluno aprenda tais princípios e valores que serão colocados em prática futuramente na sociedade.

Na perspectiva de construção da moral apontada por Kant, é apresentada outra autora da atualidade, Lucia Helena Galvão, filósofa e educadora, possui um papel de grande significância em uma Era pós-moderna, na problematização da mercantilização da vida, diga-se, a mercantilização do valores, ou até mesmo, da substituição desses valores pelo consumismo e individualismo, características do homem moderno; a autora apresenta um certame de pensamentos na tentativa de trazer um olhar de retorno aos valores.

Segundo Galvão (2021, s.p) “hoje transformamos as crianças, em pessoas tecnicamente capazes de fazer coisas, mas não pessoas humanamente capazes de construir a si próprio; e o conhecimento deixou de ser formativo para ser informativo”. Com essa afirmação, é possível observar que a educação e o conhecimento na atualidade, se mostra irrelevante, o que mais se ressalta é a informação para algo, ou para fazer algo, deixando a formação em segundo plano, pois para a autora a verdadeira formação ocorre com a formação de valores; e serão esses valores que vão impedir o indivíduo de agir segundo suas próprias vontades; aqui é possível perceber uma profunda ligação, do pensamento de Galvão e Kant, os dois apontam a educação pautada em valores e tais valores servem de domínio dos desejos pessoais, e coloca esses valores em prol da comunidade na qual está inserida.

Ainda segundo a autora, existe uma diferença enorme entre formar e informar, visto que grandes problemas da atualidade acontecem por pessoas com um alto nível de escolaridade, sendo assim a formação seria um fator que impede o corrompimento dos valores formados na escola, esses valores formam o caráter da pessoa, e isso é algo extremamente positivo para a vida social.

Neste sentido, pode-se destacar que talvez uma das ações mais corretas com relação à educação, seja uma volta para educação de valores, já que hoje na sociedade, a educação e o conhecimento se resume em tornar capaz de fazer algo.

2.5 CONSTRUÇÃO DO INDIVÍDUO EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

A formação da personalidade do homem passa por suas experiências e elas direcionaram o caminho a ser tomado por cada homem, é uma falha ver que tal estrutura fica esquecida pelos campos de pesquisa sociais e mentais. Quando nos aproximamos das experiências individuais

do ser, percebe-se um novo mundo que surge cheio de significados particulares, que estão na base de formação da personalidade da pessoa.

A partir da sua personalidade, o homem busca a satisfação das suas paixões e pulsões, e como às paixões pode induzir ao erro, o homem acaba se perdendo, e entrando na psicopatologização, na qual o indivíduo cria mentalmente uma doença, que chamamos de doença psíquica, e depara-se com a crise existencial, acarretando sintomas como angústia, tédio depressão e em alguns casos levando ao suicídio. Educar pessoas em vista da cidadania requer reflexões sobre as condições desse indivíduo (GADOTTI, 1979).

A partir das relações que estabelecem entre si, os homens criam padrões, comportamentos, instituições e saberes, cujo aperfeiçoamento é feito pelas gerações sucessivas, o que lhes permite assinalar e modificar os modelos valorizados em uma determinada cultura. É a educação, portanto, que mantém viva a memória e dá condições para sua sobrevivência. Por isso dizemos que a educação é uma instância mediadora que torna possível a reciprocidade entre indivíduo e sociedade (ARANHA, 1996, p.15).

A aprendizagem é sinal de mudança, pois ninguém que aprendeu algo se mantém igual ao anterior, e a partir dela adota-se nova atitude, classificando os valores e gerando a capacidade crítica de interpretação e contextualização de mundo, do seu processo histórico e cultural; e ainda pelos quais irão direcionar a vida do indivíduo. É nesse ponto que a filosofia mostra sua relevância em sala de aula, no momento em que a aula se depara com o novo, ela dá suporte para que analise e interprete de forma racional o desafio à sua frente.

É preciso que o aluno seja despertado a gostar de filosofia, e não fazer o inverso. Ao colocar a filosofia no processo de aprendizagem, demonstra-se que se tem dado importância à necessidade de todos os jovens de questionar e pensar acerca de seu próprio pensar, e que possam pensar assuntos de relevância (GADOTTI, 1979).

Enquanto a educação trabalha com o desenvolvimento dos jovens e das novas gerações de uma sociedade, a filosofia é a reflexão sobre o que e como desenvolver estes jovens e esta sociedade. [...] O educando, que é, o que deve ser, qual o seu papel no mundo; o educador, quem é, qual seu papel no mundo; a sociedade, o que é, e o que pretende; qual deve ser a finalidade da ação pedagógica. Estes são alguns problemas que emergem da ação pedagógica dos povos para a reflexão filosófica, no sentido de que esta estabeleça pressupostos para aquela (LUCKESI, 1994, p.31-32).

A prática de ensino filosófica para os níveis de ensino é para contribuir na formação do pensar crítico, expandir os entendimentos, com relação aos meios de opressão e dominação que se encontra na sociedade. É preciso aprender a pensar através dos filósofos, na crítica constante

da vida, partindo da ideia de que todos somos filósofos no ato de pensar racionalmente, sendo um dos papéis fundamentais da escola promover o pensar racional.

A criança por natureza possui inclinação para descobertas, são curiosas, admiram-se e em uma atividade de reflexão questionam, é assim que vai formando suas ideias do mundo e das coisas que a cerca.

Uma filosofia para crianças e jovens não estaria preocupada em formar discípulos para perpetuar certa corrente filosófica, certa visão de mundo, mas de para ajudar a pensar a transformar o mundo. Conceber a filosofia como uma especialidade é derrotá-la sem antes mesmo de iniciar a batalha por ela (GADOTTI, 2000, p.28).

É de grande relevância, que o jovem seja colocado frente aos conceitos e problemas apresentados no cotidiano, relacionados aos valores que direcionam a sociedade, bem como os ideais de justiça, política e sentido da vida, no intuito de que eles desenvolvam uma reflexão crítica própria.

Por isso, a experiência filosófica, torna-se prazerosa quando os jovens movidos por um espírito inquieto buscam respostas e verdades, por meio do filosofar.

Serão às crianças que construíram suas filosofias e seus modos de produzi-las. Não é mostrando que as crianças podem pensar como adultos que vamos revogar o desterro de sua voz. Pelo contrário, neste caso haveremos cooptado o que constitui outra forma de silenciá-las. Seria mais adequado prepararmos para escutar uma voz diferente como expressão de uma filosofia diferente, uma razão diferente, uma teoria do conhecimento diferente, uma ética diferente e uma política diferente: aquela voz historicamente silenciada pelo simples fato de emanar de pessoas estigmatizadas na categoria de não adultos (KOHAN, 1999, p.70).

Ao passo em que se trabalha filosofia, a fusão com as demais disciplinas é inevitável, por trazer consigo o questionamento, a autocrítica, lógica e racionalidade. É necessário que se trabalhe principalmente, os textos filosóficos, pois eles trazem os meios para o conhecimento, assim como o contato com os pensadores e suas ideias, expandindo sua visão e dando base para solucionar os problemas.

É preciso que os conteúdos das aulas de filosofia passem por uma rigorosa seleção para não resumir as aulas em assuntos que estão em alta, que ajudem a completar os objetivos já definidos. A estrada a ser seguida por cada aluno envereda tomada de consciência de si mesmo, de sua ingenuidade sobre os acontecimentos, e a compreensão da sua trajetória (GADOTTI, 1979).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação sempre foi e sempre será fator de um bom prognóstico de mudança da realidade social, em outras palavras, ela mostra seus resultados no meio social e nas relações sociais; pensar a filosofia no meio educacional é pensar a educação no seu ponto inicial, no seu caráter fundamental e essencial de formação do ser humano, dessa forma pode-se dizer que a filosofia fundamenta a educação. Desde os seus primórdios a filosofia esteve inteiramente ligada ao ato de educar; com o avanço das sociedades ela apresenta suas concepções como se direcionasse a educação para a formação humana.

Ao olhar-se para a realidade social nos dias de hoje é notório a forte mercantilização da vida, e nessa realidade o conhecimento e a educação se tornam mercantis com caráter lucrativo a qualquer custo, o ter e o poder de compra são valorizados acima de qualquer coisa, e aqui é apresentada uma das grandes feridas da humanidade, resultante de uma sociedade utilitarista e individualista, perdendo assim, o sentido dos valores e princípios da pessoa e de ser humano.

Quando voltamos nossos olhares para a formação de base, ou seja, na formação dos valores e princípios somos levados ao encontro do que nos apresenta Kant (1996) e Galvão (2021), no que se refere a formação enquanto modeladora de pessoas com bons princípios. Segundo Galvão (2021), alguns dos grandes problemas da história e da atualidade foram deflagradas por pessoas com vários anos de escolaridade. Nesse sentido, ela apresenta a formação diferente de informação, é nesse sentido também que a construção do conhecimento é associada a formação e não a informação, e informação não é sinônimo de conhecimento e formação. A formação pautada em valores direciona a conduta do indivíduo em sociedade, é assim que ela mostra o verdadeiro sentido da educação.

O resultado final da educação deve obrigatoriamente ofertar um resultado positivo no meio social; um indivíduo que tem uma boa formação tanto no sentido profissional quanto no sentido de formação pessoal, age contrário a imoralidade, pois sua compreensão parte do princípio do bem maior, do pensar no outro com humanidade e respeito, construindo assim uma sociedade justa e melhor, sendo essa a intensão da filosofia na educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2a ed., São Paulo: Moderna, 1996.

BRANGATTI, Paulo R. **O ensino de filosofia no segundo grau: uma necessidade de leitura do cotidiano**. Piracicaba: UNIMEP, 1993.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**, Brasília, 1997.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, Marisa Voraber. “O ensino da Filosofia: revisitando a história e às práticas curriculares”. **Educação & Realidade** 17(1): 49-58. Jan./jun. 1992.

COTRIN, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia: ser, saber e fazer**. 8a ed. São Paulo: Saraiva 1993.

CUNHA, J. Auri. **Filosofia: iniciação à investigação filosófica**. São Paulo: Atual, 1992.

FREIRE, Roberto de B. **Educar para o pensar: a filosofia na educação**. Cuiabá: UFMT, 1994. (Dissertação de mestrado).

GADOTTI, Moacir. “Para que serve afinal a filosofia? ” **Reflexão** 4(13): jan./abr.1979.

GALLO, Sílvio “Perspectivas da filosofia no ensino médio brasileiro”. In KOHAN, Walter & LEAL, Bernardina (org.). **Filosofia para crianças em debate**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 174-187.

GALVÃO, Lucia Helena. 1 Vídeo (54:58 min). **Filosofia e Educação para a formação de valores**. Publicado pelo canal Idealix Cursos Online, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/OS4EucGv5k> . Acesso em: 05 nov.2021.

GASPARELLO, Arlete M. **A questão do ensino da Filosofia no 2º grau**. Niterói: UFF, 1986. (Dissertação de mestrado).

HUSSERL, Edmund. **A filosofia como ciência do rigor**. Coimbra: Atlântica, 1965.

KANT, I. Sobre a Pedagogia. Tradução: FONTANELLA, F.C. Piracicaba: Unimep, 1996.
MENEZES, E. Kant e a ideia de educação das Luzes. *Educação e Filosofia*. v.14, nº 27/28. Uberlândia, 2000.

KOHAN, Walter O. & WUENSCH, Ana Miriam (orgs.). **Filosofia para crianças: a tentativa pioneira de Matthew Lippman**. Petrópolis: Vozes, 2000. (Col. Filosofia na Escola, vol. 1).

LUCKESI, C.C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1991.

MILL, John Stuart. Utilitarismo. **Introdução, tradução e notas de Pedro Galvão**. Portugal: Porto Galvão, 2005.

SANTOS, Nilson. **Filosofia para crianças: uma proposta democratizante na escola?** São Paulo: PUCSP, 1994. (Dissertação de mestrado).

SAVIANI, Demerval (et al). **Filosofia da Educação Brasileira**, Rio de Janeiro, 2º Ed: Civilização Brasileira, 1985.

SAVIANI, Demerval. **Educação:** do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez, 1989.

SEVERINO, Antônio J. “Filosofia e ciências humanas no ensino de 2º grau: uma abordagem antropológica da formação dos adolescentes”. In: QUEIROZ, José J. (org.) Educação hoje: tensões e polaridades. São Paulo: FECS/USF, 1997. Filosofia. São Paulo, Cortez, 1992 (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação geral).

TIBA, I. **Disciplina:** limite na medida certa. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Os desafios da indisciplina em sala de aula e na escola.** Ideias. n. 28, p.227-252. São Paulo: FDE, 1997.